

Relacionamentos abusivos e sororidade no Facebook*Abusive relationships and sisterhood on Facebook*

Agnnes Caroline Alves de SOUZA¹
Rosângela Araújo DARWICH²

Resumo

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a ocorrência de sororidade em comentários on-line a postagens de mulheres em relacionamentos abusivos. Para tanto, lança mão da comunidade do Facebook “Moça, seu relacionamento é abusivo”, a mais antiga sobre o tema e com o maior número de seguidores. Por meio da utilização da metodologia de análise de conteúdo, selecionamos duas publicações e derivamos, dos comentários, temas e categorias que orientaram as reflexões. De comentários a duas publicações selecionadas foram derivados temas e categorias por meio da utilização da metodologia de análise de conteúdo. Verificamos que 91,5% dos comentários correspondem a expressões de apoio, representado por empatia, companheirismo e empoderamento. Argumentamos que o apoio verificado entre as mulheres em ambiente virtual implica a presença de sororidade, com desdobramentos possíveis na vida prática das usuárias e de tantas outras leitoras da comunidade.

Palavras-chave: Sororidade. Relacionamentos abusivos. Redes sociais virtuais. Facebook. Análise de conteúdo.

Abstract

This study aims to reflect on the occurrence of sisterhood in online comments to posts by women in abusive relationships. Therefore, it makes use of the Facebook community “Girl, your relationship is abusive”, the oldest one on the topic and with the largest number of followers. Using the content analysis methodology, we selected two publications and derived from the comments, themes and categories that guided the reflections. We found that 91.5% of the comments correspond to expressions of support, represented by empathy, companionship and empowerment. We argue that the support verified among women in a virtual environment implies the presence of sisterhood, with

¹ Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC), Universidade da Amazônia (UNAMA).
E-mail: agnes_souza@hotmail.com

² Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br

possible consequences in the practical life of the users and of so many other readers of the community page.

Keywords: Sisterhood. Abusive relationships. Virtual social networks. Facebook. Content analysis.

Introdução

O seguinte comentário identifica o foco deste estudo: “sei exatamente o que está sentindo... Pense que existem muitas como você e eu com as mesmas histórias... mas força aí... não precisamos desses lixos tóxicos”. Ele foi escrito em resposta a um relato postado na comunidade “Moça, seu relacionamento é abusivo”, do Facebook. Por meio dessas poucas palavras transparece apoio, identificação, compreensão e incentivo entre mulheres e, portanto, indícios de ocorrência de sororidade.

Sororidade é um termo que expressa uma lógica de relações positivas entre mulheres. O apoio assim representado é extremamente necessário enquanto ferramenta de resistência às diferentes fontes de opressão a que as mulheres continuam sendo submetidas, considerando que, diante da lógica patriarcal, o espaço de liberdade dos homens é ampliado a ponto de naturalizar a violência contra mulheres (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009; HIRIGOYEN, 2005).

Militâncias políticas e sociais encontraram na internet um ambiente em que debates virtuais podem trazer transformações de ordem prática (GARCIA; SOUSA, 2014). Grupos de mulheres, por exemplo, por meio de articulações on-line, “passaram a atuar no concreto e no virtual, não conseguindo mais desassociar o feminismo do ciberespaço” (DUTRA, 2018, p. 24).

O aplicativo Facebook, com 1,6 bilhão de usuários ativos diários no final de 2019, possibilita o encontro entre pessoas de diferentes países, faixas etárias, culturas e condições socioeconômicas. Com ele teve início a empresa FACEBOOK, em 2004, que atualmente comporta vários outros aplicativos e tecnologias, como o Instagram, o WhatsApp, o Messenger, o Oculus, o Workplace, o Portal e o Calibra (FACEBOOK, 2020).

O Facebook permite comentários, curtidas e compartilhamentos em perfis, grupos e páginas. Nas páginas, o conteúdo é sempre público e não há necessidade de aprovação de amizade. As comunidades, que são organizadas por meio de assuntos

específicos, constituem uma das categorias das páginas (FACEBOOK, 2020; RECUERO, 2009).

A partir da escolha da rede social virtual e da comunidade “Moça, seu relacionamento é abusivo”, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para seleção de postagens e comentários. Além disso, com base nessa comunicação entre pessoas que não se conhecem, mas que em muitas das vezes se reconhecem, derivamos temas e categorias que orientaram as reflexões que objetivamos com este estudo, referentes à ocorrência de sororidade em comentários on-line a postagens de mulheres em relacionamentos abusivos.

Diferentes usos da palavra “amor”

A violência de gênero é expressão típica do patriarcado, sendo estabelecida em diversos âmbitos, como em relações de trabalho e conjugais. Para Saffioti (2015, p. 75) “a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais”. Tal condição naturaliza a dominação e a exploração de mulheres pelos homens, expressas por meio de agressões de toda ordem, chegando a ocorrências de feminicídio (NAHRA; ALVES, 2020; SAFFIOTI, 2015; WAISELFISZ, 2015).

A ocorrência de violência em relacionamentos conjugais é muitas vezes negada ou banalizada a ponto de agressor e vítima não terem consciência de limites entre o que chamam de amor e as vivências de abuso. O título da comunidade analisada neste estudo fala diretamente com mulheres que, ao se identificarem com as imagens de aprisionamento e sofrimento na capa e no perfil, confirmam ou percebem a necessidade de receber ajuda (ver Figura 1).

Figura 1 - Imagem da capa e do perfil de “Moça, seu relacionamento é abusivo”



Moça, seu relacionamento é abusivo

Comunidade

Fonte: Facebook

Podemos perceber que a foto de capa da comunidade representa uma mulher com um semblante entristecido acorrentada a um coração, o que pode representar o peso da violência em um relacionamento afetivo. O rosto no perfil confunde olheiras e maquiagem borrada por lágrimas, dando mais força à ideia de dor.

A conduta abusiva em um relacionamento se estabelece por meio da ruptura da integridade de um indivíduo. A violência pode ser, por exemplo, física, em forma de agressões; psicológica, quando existe uma conduta constante de humilhação e diminuição da autoestima do outro; e patrimonial, que consiste em reter ou destruir bens que sejam do parceiro (HIRIGOYEN, 2005; SAFFIOTI, 2015).

Vale destacar que “toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (DAY et al., 2003, p. 10) corresponde à ocorrência de violência psicológica. Especialmente invisibilizada, a violência psicológica desestabiliza e aprofunda o sentimento de impotência, dificultando reações de defesa diante do opressor, além de ser um prerequisite para abuso físico (ALMEIDA, 2017; GARCIA; SOUSA, 2015; HIRIGOYEN, 2005).

A vítima de violência psicológica fica exposta a sérios danos, como insegurança, frustração, medo e ansiedade, afetando a autoestima e a saúde. Além disso, é comum a

ocorrência de sentimento de culpa, o que pode ser um fator ainda mais limitador e que também favorece a manutenção dessa lógica relacional (HIRIGOYEN, 2005; QUEIROZ; CUNHA, 2018).

Nos últimos anos surgiram diversas políticas públicas e leis voltadas à proteção de mulheres no Brasil e, portanto, também à prevenção da violência contra elas, como a Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006) e a Lei do Feminicídio (nº 13.104/2015 em alteração e aditivo da lei nº 2.848/40). Apesar disso, a ruptura de relações abusivas normalmente requer intervenção externa próxima e concreta. “Até que esta ocorra, a trajetória é oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela” (SAFFIOTI, 2015, p. 84). Assim sendo, mesmo que a mulher consiga perceber claramente que está sendo vítima de violência, ela encontra dificuldade para romper definitivamente com a situação, necessitando de apoio de amigos, parentes ou profissionais qualificados.

Por tudo isso, a ideia de sororidade foi desenvolvida enquanto uma postura ético-política no contexto de movimentos feministas. Com função de contraponto aos princípios que sustentam a lógica patriarcal, a vivência de sororidade permite que mulheres se questionem sobre seu lugar de marginalização e que tenham acesso a ferramentas de equidade.

Enquanto aliança, sororidade contribui para a eliminação da opressão social contra mulheres e, neste sentido, estabelece sua importância na resistência à violência. A ideia é que, juntas, as mulheres podem se ajudar a favor de relações de igualdade entre gêneros (ALVES, 2014; LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012). Segundo Garcia e Souza (2015, p. 1003), sororidade,

é uma experiência subjetiva pela qual as mulheres devem passar com a finalidade de eliminarem todas as formas de opressão [...]. É, além disso, conscientizar as mulheres sobre a misoginia. [...] É, por fim, empoderar a mulher. Pela definição, as relações entre as mulheres são colocadas em evidência (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1003).

Sororidade também implica a necessidade de reflexão crítica sobre os movimentos feministas enquanto militâncias que durante décadas olharam para a mulher na perspectiva de um padrão branco e europeu (LUGONES, 2014). Segundo bell hooks (2019, p. 36), “enquanto mulheres usarem de poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo”. Para

que haja união entre as mulheres é preciso considerar todas as vozes femininas e, assim, diferentes realidades, o que significa que intersecções são necessárias.

A noção de interseccionalidade, surgida em movimentos feministas, chama a atenção para o fato de que, se não existe uma homogeneidade entre mulheres, as opressões que sofrem também variam. Sendo importante para a compreensão da sororidade, “a interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas e preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e as opressões estruturantes de matriz colonial moderna de onde saem” (AKOTIRENE, 2018, p. 33).

Garcia e Sousa (2014) indicam que no ciberespaço militâncias se organizam produzindo sentidos com o objetivo de proporcionar mudanças no espaço urbano. Uma forma de transformar a sororidade em ações concretas seria a articulação de mulheres a partir das redes sociais virtuais, proporcionando empoderamento e, assim, capacidade de enfrentamento de violências.

Embora a sociedade em rede passe boa parte de seu tempo conectada ao ciberespaço, as ações esperadas são para serem sentidas no espaço urbano. As polêmicas, os confrontos surgem inicialmente no espaço urbano, depois, pela militância, territorializam-se no ciberespaço, nas redes sociais, nas comunidades virtuais. Ali, circularão e produzirão sentidos, reflexões às questões polêmicas. Após as diversas discussões pela sociedade em rede, as ações voltam a territorializar-se no espaço urbano, produzindo mudanças na sociedade (GARCIA; SOUSA, 2014, p. 86).

Ao investigarmos a ocorrência de sororidade em um pequeno recorte de encontros on-line precisamos admitir que não possuímos dados de realidade sobre as usuárias (intersecções de raça, gênero, perfil socioeconômico etc.). Não sabemos se elas teriam ou não leitura prévia acerca de relações abusivas, feminismo ou sororidade. O que sabemos é que, de alguma forma, elas chegaram até a comunidade, se interessando o bastante para interagir com as publicações (comentar, compartilhar e curtir) e, assim, entre elas. Refletir sobre a ocorrência de sororidade em uma comunidade virtual significa, portanto, considerar a possibilidade de criação do tipo de união e, por que não dizer, de amor capaz de fundamentar o enfrentamento de violências.

Análise de conteúdo: sororidade no Facebook?

A pesquisa em ambiente virtual demandou uma ferramenta metodológica sistemática e, neste sentido, utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Esta prevê três polos cronológicos para a realização da análise: pré-análise, que corresponde à organização dos dados coletados; exploração do material; e tratamento dos resultados, que é realizado por meio de interpretação. Tais polos são descritos a seguir, fundamentando a seleção de postagens e de comentários, dos quais derivamos temas e categorias.

O Facebook foi a rede social virtual de escolha por possibilitar a utilização do aplicativo Netvizz para extração de dados quantitativos de páginas. Como, no entanto, o Netvizz foi desativado em janeiro de 2019, utilizamos ferramentas manuais para a realização de análise qualitativa.

Escolhemos a comunidade mais antiga sobre relacionamentos conjugais abusivos e com o maior número de seguidores. Para composição da amostra a ser submetida aos procedimentos analíticos, delimitamos o período entre 25 de setembro de 2017 e 1º de março de 2018, correspondente a uma postagem em que as administradoras explicavam que estavam tendo dificuldade para gerenciar o número elevado de relatos recebidos e a última que publicaram no ano seguinte.

A seleção das postagens foi realizada por meio da aplicação das regras de representatividade, homogeneidade, pertinência, exclusividade e exaustividade (BARDIN, 2011). Como resultado, do total de 18 postagens foi selecionada uma de novembro de 2017 e outra de março de 2018, cada uma delas com 41 comentários de texto. É importante compreender o teor das postagens porque delas derivam os comentários analisados. Detalhes de ambos os relatos são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 - Exemplos de relatos nas postagens

Conteúdo	Postagem 1	Postagem 2
Situação atual do relacionamento	“faz seis meses que estou com uma pessoa”	“Conheci meu ex-marido no trabalho” [...] se passaram dez anos
Engajamento inicial na relação	“começamos a sair e ele de imediato já quis assumir relacionamento”	“ele no segundo mês já estava procurando casa para comprar”
Mudanças	“com o tempo foi se mostrando um homem autoritário”	“começamos a construir [a casa] e aí foi que começaram as agressões”
Demonstrações de afeto	“quando está tudo bem, me trata como se fosse o amor da sua vida”	“E, depois de cada agressão, presente, viagem e a promessa que ele ia mudar”
Violência psicológica	“tudo eu estava errada, eu era louca, histérica [...]. Uma palavra, uma pergunta que faço, se ele não gostar, acabou... Me humilha”	“A cada briga por motivos fúteis eu pedia desculpa como se estivesse sempre errada”
Violência física	-	“A primeira foi um puxão no braço porque demorei a atravessar a rua”

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A primeira postagem selecionada descreve vivências de uma mulher em um relacionamento abusivo iniciado há seis meses e a segunda, de outra que já havia superado tal situação. Como pontos semelhantes se destacam a rapidez com que os parceiros deram início às respectivas relações e as mudanças que se seguiram, no sentido de ciclos que alternam violência (psicológica, em ambos os casos e física, no segundo) com demonstrações de afeto. Assim, a primeira postagem pode ter a função de facilitar que mulheres reconheçam que estão vivendo um relacionamento abusivo, ainda que não sofram violência física, e a segunda, de esclarecer o risco de ser submetida à violência psicológica, que pode evoluir em direção à física.

Vale ressaltar que, em casos de relacionamento conjugal abusivo, o término costuma se tornar mais difícil à medida que o tempo passa. Quando uma mulher identifica que está sendo vítima de abuso, ela já está sofrendo os efeitos devastadores da violência psicológica, além dos casos em que também se encontra em situação de dependência financeira que pode ser agravada, em muitos sentidos, com a presença de filhos (QUEIROZ; CUNHA, 2018; REZENDE, 2014).

Em seguida, ainda organizando os dados coletados, passamos ao processo de codificação, verificando quais temas mais se repetiam nos comentários para, então, classificá-los (BARDIN, 2011). Por meio da leitura flutuante dos 82 comentários coletados, os temas identificados foram classificados como sendo de julgamento (culpabilização da vítima por permanecer em um relacionamento abusivo); indiferença (desvio do foco no relato para a própria situação de sofrimento); e apoio (disponibilização de ajuda, aconselhamentos, votos de felicidade e compartilhamento de percepções sobre violência).

A distribuição dos comentários pelos três temas propostos foi bastante aproximada nas duas postagens. Verificamos também que eles compartilham de características muito semelhantes quando expressam a necessidade (na primeira postagem) e o valor (na segunda postagem) da superação de relacionamentos abusivos. Os comentários aos dois relatos foram analisados separadamente e então agrupados, gerando um total de seis comentários de indiferença, um de julgamento e 75 de apoio. Assim sendo, 91,5% dos comentários foram identificados como expressões de apoio.

Alguns critérios de qualidade facilitaram a elaboração de categorias: exclusão mútua (não pode haver ambiguidades nem semelhanças entre as categorias), pertinência (as categorias precisam ser adequadas aos dados escolhidos e ao referencial teórico), objetividade e fidelidade (as categorias precisam ser definidas de modo preciso) e produtividade (as categorias precisam fornecer resultados que subsidiem inferências e interpretações) (BARDIN, 2011).

As seguintes categorias foram criadas a partir dos comentários selecionados, dos referenciais teóricos investigados e em torno do tema sororidade: empatia (identificação com a situação descrita - presente em 30 comentários), companheirismo (expressão de união - presente em 32 comentários) e empoderamento (incentivo à autoestima - presente em 12 comentários). O Quadro 2 apresenta os temas utilizados e as categorias derivadas de “apoio”, a partir de exemplos de relatos.

Quadro 2 - Temas e categorias

Relato	Tema	Categoria
“No primeiro “coitadinha” e “burrinha” que ele proferisse era só mandar tomar no *. E ir embora”	Julgamento	-
“Estou passando por uma fase que não parece ter fim”	Indiferença	-
“Você descreveu a minha relação”	Apoio	Empatia
“Você não está sozinha”; “juntas somos mais”		Companheirismo
“Você merece coisa muito melhor, merece ser feliz”		Empoderamento

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O acesso a relatos de vivências em relacionamentos conjugais abusivos oportunizou o reconhecimento das usuárias enquanto grupo, ocupando um mesmo lugar de fala e, como resultado, a expressão de opiniões que, em sua grande maioria, correspondem à ocorrência de sororidade. Conforme Garcia e Sousa (2015, p. 997), “é na práxis da militância, no espaço urbano e no ciberespaço, que a mulher produzirá dizeres sobre o feminino e fará circular sentidos que a dizem como um sujeito com voz”.

No que concerne às categorias, a maioria dos comentários encontrados correspondem a companheirismo (32), seguido por empatia (30) e empoderamento (13). Os discursos de companheirismo são caracterizados por pedidos de força, expressão de felicidade pela saída de um relacionamento abusivo e aconselhamentos (“larga dele amiga... sério”; “você é uma vencedora”). Os discursos de empatia corresponderam a interações que indicam de alguma forma a identificação da experiência de uma usuária com outra (“você contou minha história”; “me identifico com você”). A categoria empoderamento é caracterizada por comentários que expressavam algum tipo de informação relevante para que a usuária consiga sair do ciclo de violência (“o relacionamento abusivo mina a autoestima, te faz duvidar da realidade, manipula, humilha, desrespeita”; “ninguém tem o direito de te humilhar”).

Vale ressaltar que as usuárias comentam o relato postado pelas administradoras, mas também interagem entre elas, demonstrando que se sentem livres para escrever sobre suas próprias histórias e para dar e receber ajuda.

Compreendemos que as categorias são complementares, permitindo que o movimento de sororidade seja identificado em relações estabelecidas entre esses eixos (comentários de apoio que expressem empatia, companheirismo e empoderamento). Todos esses movimentos que se entrelaçam no ciberespaço fazem parte da sororidade

(ALVES, 2014). “Movimentos feministas criaram o contexto para mulheres se conectarem. Não nos juntamos para ficar contra os homens; juntamo-nos para proteger nossos interesses de mulher” (HOOKS, 2018, p. 35).

Em torno de circunstâncias variadas, mas com pontos em comum, foram construídas as demonstrações de apoio identificadas neste estudo - na primeira postagem, o pouco tempo de relacionamento foi um ponto identificado como favorável e na segunda, o encerramento da relação foi reconhecido como uma grande vitória, festejada e também apontada como um desejo ainda não concretizado por muitas das usuárias. A sororidade seria um caminho para o empoderamento das mulheres, pautado por apoio e informação, gerando consequências práticas.

Considerações finais

A violência é um reflexo da cultura patriarcal, de modo que não necessariamente o abusador tem consciência dos seus atos, pois a dominação das mulheres pelos homens é naturalizada e perpetuada com o consentimento implícito de todos os envolvidos. Daí advém a importância da sororidade, que provê condições para que mulheres se apoiem para que haja mais igualdade entre gêneros.

Para reflexão sobre a ocorrência de sororidade a partir de relatos on-line selecionamos a comunidade “Moça, seu relacionamento é abusivo”, da plataforma Facebook, e a análise de conteúdo (Bardin, 2011), enquanto ferramenta metodológica. Do total de comentários às duas postagens, a grande maioria correspondeu a demonstrações de apoio, as quais foram desdobradas em três categorias: empatia, empoderamento e companheirismo.

Destacamos que, em um país tão plural em demandas sociais quanto o Brasil, a interseccionalidade é necessária, refletindo a heterogeneidade do pensamento feminista. Uma mulher branca, de classe média, não passa pelas mesmas dificuldades que uma mulher branca na periferia ou, ainda, que uma mulher negra. São diversas as circunstâncias e as opressões cotidianamente sofridas por mulheres em relacionamentos conjugais abusivos, mas na comunidade que analisamos as postagens são anônimas. Assim, tudo o que se tem para comentar são relatos de violência que marcou ou ainda marca a vida afetiva de mulheres. No encontro entre elas, o apoio compartilhado ultrapassa possíveis diferenças e desnuda a violência cotidiana, no contexto doméstico,

enquanto ponto de partida para o encontro das mais diferentes mulheres. Ainda que o termo “sororidade” não tenha sido invocado pelas usuárias, ele se fez presente.

É importante refletir ainda sobre um comentário específico que destaca a ocorrência de consequências práticas após vivências no ciberespaço que disponibilizaram apoio e informação. Uma usuária retornou à comunidade um ano após as postagens anteriores para informar que saiu do relacionamento abusivo em que se encontrava, evidenciando a influência da interação estabelecida no combate à violência.

A expressão de mudança que identificamos é um exemplo que não necessariamente expressa uma regra, mas também não precisa ser considerada como uma exceção. Juntamente com a sororidade que vislumbramos a partir do conjunto de comentários analisados, ela nos permite acreditar. Impactos assim são nossos conhecidos, pois é sabido que variadas fontes de informação participam da construção de revisões pessoais, de tomadas de decisão. É o caso dos livros que lemos, do contato com a arte ou com a mídia, de modo geral. Também é o caso de usuários do Facebook e de outras redes sociais virtuais, que compartilham vivências, opiniões e informações, inclusive pedindo e oferecendo ajuda.

Acima de tudo devemos considerar que experiências cotidianas passaram a se firmar em espaços híbridos, em que realidade e virtualidade se entrecruzam e se dissolvem em uma rede única de interinfluências. Embora o ambiente on-line possa ser propício para a reprodução de estereótipos e violências (RECUERO; SOARES, 2013), ele também pode ser espaço de práticas de sororidade e, com elas, do encontro de mulheres enquanto alternativa de superação e mesmo de prevenção a vivências de violências e subjugações.

A análise qualitativa proposta destaca demonstrações de sororidade, supondo prováveis efeitos positivos nas usuárias responsáveis pelos relatos postados na comunidade, naquelas que participaram por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos, mas também em quem apenas lê as interações. São necessários outros estudos que contribuam com a identificação de possíveis efeitos da união entre mulheres em ambientes on-line, off-line e em seus entrecruzamentos. Em todo caso, consideramos que a investigação da presença de sororidade por si só representa esperança e dá concretude à ideia de que todo movimento nessa direção soma para a consolidação de transformações pessoais e mudanças socioculturais positivas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Simone Silva. **Saberes das mulheres veteranas na economia solidária: sororidade, a outra educação!** 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 171-180, 2008.

DAY, Vivian Peres *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 9, 2003.

DUTRA, Zeila. A primavera das mulheres: ciberfeminismo e os movimentos feministas. **Feminismos**, UFBA, v. 6, n. 2, p. 19-31, 2018.

FACEBOOK. Site oficial. Disponível em: <https://about.fb.com/br/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos feministas. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p.144-149.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. **Conexão Letras**, v. 9, n. 11, p. 83-97, 2014.

GARCIA, Dantielli A.; SOUSA, Lucília M. A. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 991-1008, 2015.

HIRIGOYEN, Marie-France. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías**. 2012. E-book. Disponível em: www.inmujeres.df.gob.mx. Acesso em: 18 set. 2019.

QUEIROZ, Rosana A.; CUNHA, Tânia A. A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 10, n. 20, p. 86-95, 2018.

RECUERO, Raquel; SOARES, Priscila. Violência simbólica e redes sociais no Facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galáxia** (São Paulo), n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a19.pdf>. Acesso em: 18 de julho de 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Letramento: Belo Horizonte, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **O poder do macho**. 4. ed. Moderna: São Paulo, 1990.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência: Homicídio de Mulheres no Brasil**. ONU, 2015.